

Libertar as crianças de seus medos

Anna Freud e a psicanálise comunitária

Elizabeth Ann Danto,¹ Nova York, Estados Unidos

Resumo: A autora considera o trabalho com a comunidade desenvolvido por Anna Freud na Viena dos anos 1920 e 1930. Aponta sua parceria com figuras como August Aichhorn, Siegfried Bernfeld, Willi Hoffer e sua companheira de vida, a nova-iorquina Dorothy Tiffany Burlingham. Explora especialmente as ideias fomentadas no periódico *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik* e os serviços prestados na Creche Jackson e nos Beratungsstelle, centros de aconselhamento educacional e juvenil.

Palavras-chave: Anna Freud, Viena Vermelha, psicanálise comunitária, análise infantil

Um ano antes de sua morte em 1982 (e 50 anos depois de seu livro *Lectures for teachers and parents*), Anna Freud destacou:

Houve até mesmo uma época em que os professores nos bairros mais pobres se surpreenderam ao saber que a falta de sono ou a nutrição insuficiente diminuía a capacidade de atenção da criança, pois não se supunha que as questões físicas influenciassem o funcionamento da mente. (p. 259)

Anna Freud nunca esqueceu o elitismo da educação austríaca antes do início da social-democracia.

Em 1919, a Áustria recém-independente viu a social-democracia derubar as relações sociais e econômicas dos Habsburgo e promover um modernismo que transformou o que havia sido a ordem global europeia durante 700 anos. O Partido Social-Democrata venceu as primeiras eleições universais da Áustria, e o conceito de comunidade se tornou a estrutura ideológica da recuperação de Viena no pós-Primeira Guerra Mundial. Apoiado por um novo sistema de tributação redistributiva, o esforço para reconstruir a planta física e social da cidade incluiu uma rede abrangente de saúde pública, mais de 60 mil novas unidades de habitação acessível e um investimento maciço na educação infantil. Os psicanalistas estavam prontos. Atendendo ao chamado

1 Professora emérita de bem-estar social, Hunter College, Universidade da Cidade de Nova York.

de Sigmund Freud em 1918 para “rever a posição do nosso procedimento terapêutico [e estabelecer] clínicas nas quais o tratamento será gratuito”, os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena se alinharam a uma plataforma de crenças no progresso atingível, na sociedade secular e na responsabilidade social. O novo governo usou sua maioria firme para promover um programa altamente inovador de políticas comunitárias e para replanejar virtualmente todos os recursos municipais, e suas próprias clínicas gratuitas afastaram a psicanálise de uma época anterior, em que, como disse Freud, “não [podíamos] fazer nada pelas camadas sociais mais amplas, por aqueles que sofrem extremamente com neuroses” (1919[1918]/1955b, p. 167).

A participação de Anna Freud na reformulação social-democrata da cidade apelidada de Viena Vermelha fazia muito sentido. “Em Viena, então, nós estávamos todos muito empolgados e cheios de energia”, disse ela a Robert Coles nos anos 1980. “Era como se todo um novo continente estivesse sendo explorado. Nós éramos os exploradores e agora tínhamos a chance de mudar as coisas” (Coles, 1991, p. 9). Corria a década de 1920, quando as três bases principais da carreira de Anna Freud – análise infantil, pedagogia psicanalítica e clínicas comunitárias – vieram ao primeiro plano mais ou menos de maneira simultânea, de propósito ou por circunstâncias históricas. Situando firmemente seu trabalho na era de notável produção intelectual e cultural da Primeira República Austríaca, podemos ver como suas teorias inovadoras emergiram organicamente de um amplo compromisso para melhorar a realidade cotidiana das famílias trabalhadoras e, ao mesmo tempo, de uma abordagem unificada da saúde mental e física das crianças urbanas. É verdade que a retórica da direita e as facções cada vez mais militarizadas reverberavam por toda Viena. No entanto, naquele momento, os analistas estavam nos tribunais, nos hospitais, nas escolas e nos jornais. Eles pressionavam a favor da educação sexual. Sua clínica gratuita na Pelikangasse, o Ambulatorium, prosperava de maneiras inesperadas. Logo, serviços satélites seriam abertos em comunidades carentes.

Entre os psicanalistas da primeira e da segunda geração que viram Sigmund Freud delinear sua própria virada para a social-democracia em 1918, Anna Freud capturou a intenção do discurso de maneiras objetivas e quantificáveis. As reformas escolares em que ela participou destacaram-se como a peça central da política cultural socialista, sem dúvida o meio definitivo para a emancipação dos trabalhadores e das suas famílias. Os educadores internacionais notaram isso. Segundo relatou o *Modern Language Journal* (1930) de Viena:

Esta cidade do Velho Mundo, sofrendo maiores desvantagens econômicas como resultado da Primeira Guerra Mundial do que qualquer outra grande cidade que possamos imaginar, realizou uma reorganização e democratização sistemática de todo o seu sistema escolar que seria difícil encontrar em qualquer outro lugar. Algo

novo na organização da escola pública está sendo desenvolvido em meio a essa cultura supostamente decadente e moribunda: não devemos desistir dela.

Nesse ambiente, Anna Freud criou uma nova escola primária e formulou programas de treinamento de professores baseados no campo emergente da análise infantil. Junto com seu grupo central de colegas com ideias semelhantes – August Aichhorn, Siegfried Bernfeld, Willi Hoffer e sua companheira de vida, a nova-iorquina Dorothy Tiffany Burlingham –, ela fundou um novo periódico pedagógico, criou uma creche para a primeira infância baseada em pesquisas e levou a psicanálise além dos limites da prática privada. Com Hoffer, ela desenvolveu uma série de palestras baseadas na psicanálise sobre educação pública e coministrou o Curso de Viena para Educadores, alcançando professores de creches e escolas de ensino fundamental e médio da cidade. As palestras eram frequentemente baseadas em exemplos de casos do Baumgarten Kinderheim, de Bernfeld, uma creche que atendia crianças refugiadas, muitas delas com menos de 5 anos, famintas, deficientes ou traumatizadas (A. Freud, 1966b). Para professores que buscavam mais orientação prática, as palestras podiam ser complementadas por treinamento prático em creches e institutos similares. As ideias dela, disse Rudolf Ekstein (1992), o educador que se tornou psicanalista, eram características da Viena Vermelha: elas representavam um “*movimento*, ... uma ética. Anna Freud [e] August Aichhorn estavam preocupados não apenas com questões teóricas, mas também com questões práticas da educação, desejando compreender melhor a delinquência e os distúrbios de aprendizagem”.

Com esse movimento reformista, Anna Freud visava criar espaços sociais e psicológicos viáveis em que as crianças pudessem se tornar, como ela disse, o moderno “ser humano livre e autoconfiante” (1930/1974, p. 127). Ao atingir a maioridade na Viena Vermelha como o membro mais jovem de uma família judia, ela teve uma vida rica, que girava em torno do pai e do círculo dele, frequentando intelectuais, os irmãos e a escola. Em 1915, aos 20 anos, iniciou uma carreira como professora, que evoluiu no novo campo da pedagogia psicanalítica. Ela obteve o direito de votar em 1918 e ingressou na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1922. Naquela época, o bem-estar infantil havia se tornado uma característica padrão do sistema educacional e dos serviços humanos da Viena Vermelha, confrontando os psicanalistas com uma onda de sofrimento até então não reconhecida. As crianças nascidas depois da guerra em famílias jovens e muitas vezes indigentes de Viena precisavam de ajuda para sobreviver em um ambiente estressante. Escolas, clubes, professores, médicos escolares e pediatras particulares encaminhavam essas crianças “de todos os estratos das classes necessitadas” (Hitschmann, 1932) para a Clínica de Orientação Infantil do Ambulatorium, inicialmente dirigida

por um amigo e colega de Anna Freud, August Aichhorn. Desde os jovens vadios (e por vezes sem teto) nas instalações residenciais dele, passando pelas famílias tratadas no Centro de Orientação Infantil do Ambulatorium, até as crianças indigentes na posterior Creche Jackson, Aichhorn e outros analistas insistiram na ideia de que a psicanálise seria disponibilizada à comunidade em geral.



Anna Freud na Creche Jackson. Viena, 1937.
Arquivos de August Aichhorn. Com permissão de Thomas Aichhorn.

Anna Freud concordou em princípio, mas August Aichhorn forneceu, para o movimento em direção à psicanálise comunitária, a experiência em serviço social. Ex-professor e organizador central das instituições municipais de assistência à infância da Viena Vermelha, Aichhorn é mais conhecido por seus insights transformadores sobre a vida interior de adolescentes perturbados ou delinquentes. Ele criou os departamentos locais de aconselhamento educacional para crianças e famílias nos 14 departamentos distritais de jovens de Viena. Lá, disse Anna Freud, ele “não só foi capaz de alcançar crianças que de outra forma seriam inacessíveis; ele influenciou muitos de nós” (Coles, 1991, p. 46). Aichhorn ensinou os conselheiros locais a trabalhar partindo do princípio de que a postura delinquente de seus jovens alunos era motivada mais por conflitos internos do que por fraqueza moral ou hereditária. Pobres, raivosas e constrangidas pelos professores tradicionais e pelos colegas mais ricos, as crianças que ele ajudava eram impedidas de frequentar escolas locais por brigarem, roubarem e fugirem de casa (muitas vezes, uma forma de sobreviver aos abusos). Aichhorn acreditava que as crianças e os adolescentes inconformados da cidade obteriam força interior e autorregulação com o

poderoso vínculo do relacionamento entre eles e seus terapeutas. Ele escreveu sobre seu método, caso a caso, com uma “atitude em relação aos seus alunos que tem origem em uma calorosa simpatia pelo destino desses infelizes”, como disse Sigmund Freud, e “grande valor social” em seu ensino e trabalho social com crianças (1925/1961, p. 273). Anna Freud compreendeu a dialética do que hoje chamamos de “trabalho social psicanalítico”: que “todo desenvolvimento individual, seja em termos sociais ou dissociais, [é] o resultado da interação entre fatores inatos e ambientais” (1951, p. 53).

Embora Aichhorn apoiasse ativamente Anna Freud enquanto ela expandia sua prática para novas áreas, ele não estava sozinho. A partir de 1924, ele se juntou a Siegfried Bernfeld e Willi Hoffer para discussões semanais no escritório dela na Berggasse 19. Essas reuniões juntavam quatro dos membros mais ativistas da Sociedade Psicanalítica de Viena para investigar as possibilidades de uma teoria psicossocial multifacetada do desenvolvimento, análise e educação infantil. Um resultado foi a elaboração do *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik* [Jornal de Pedagogia Psicanalítica]. No que podem ser os primeiros indícios de seus planos para centros de aconselhamento educacional comunitários, Anna Freud compartilhou seu entusiasmo pelo projeto com sua amiga e confidente Lou Andreas-Salomé:

As noites de sábado com Aichhorn, Bernfeld e Hoffer são magníficas. ... Discutimos nossas próprias experiências, projetos e ideias. ... Notavelmente, embora venham de perspectivas completamente diferentes e por meio de jornadas de vida igualmente distintas, eles não deixaram de visar o mesmo objetivo: uma comunidade educacional cooperativa. (A. Freud, 2006, pp. 272 e 314-315)

As discussões do grupo variavam desde a técnica de análise infantil até as visões de Bernfeld sobre os “limites da educação” e o trabalho analítico de Aichhorn com crianças e adolescentes marginalizados. Para Anna Freud, esses projetos centrados nas crianças tinham uma profunda importância pessoal. “Seria um objetivo maravilhoso, me parece, libertar as crianças de seus medos, familiarizá-las com tudo”, disse ela a Lou. “Eu me lembro bem do medo que tinha do desconhecido e de como ele desapareceu quando eu o entendi” (p. 461).

Para “libertar as crianças de seus medos”, especialmente nas escolas, Anna Freud e seus colegas levaram sua investigação do desenvolvimento inicial das crianças para o novo campo da pedagogia psicanalítica. A experiência real dela como professora, sua capacidade de empatia pessoal e suas habilidades emergentes em pesquisa baseada na observação lhe deram uma perspectiva única sobre o que as crianças precisavam na escola, e não o que a cultura ou a tradição ditavam. “Aqueles cinco anos [ensinando na escola fundamental]”, disse ela, “me deram uma oportunidade para aprender com as crianças e de

aprender que as crianças não precisam só ser ensinadas, mas precisam ter uma chance de elas mesmas ensinarem” (Coles, 1991, p. 5). Ela observou como a educação constitui o pano de fundo para alguns de nossos encontros mais importantes com as regras sociais e também evoca nosso desejo intenso de buscar independência. Equipada com pesquisas baseadas na prática, ela questionou a estrutura dos ambientes escolares tradicionais e apresentou as “três coisas” que a psicanálise faria pela pedagogia: “criticar os métodos existentes; ampliar o conhecimento do professor sobre os seres humanos; e se esforçar para reparar os ferimentos [da infância]” (A. Freud, 1930/1974, p. 129). Anna Freud argumentou que o sistema tradicional visava formar “bons cidadãos” e estava mais adaptado às necessidades de controle da sociedade adulta do que às necessidades de expansão das crianças. Ela acreditava que os novos métodos de ensino reduziriam o relacionamento hierárquico entre professores e alunos, proporcionando a estes mais liberdade e mais oportunidades de aprender por meio de experimentos e experiências. Anna Freud teorizava que a educação e os educadores deviam ajudar as crianças a equilibrar seus mundos interno e externo. Essa estrutura pedagógica seria direcionada aos estágios de desenvolvimento das crianças e acabaria por definir novos padrões para a escola moderna. Com sua parceira, Dorothy Tiffany Burlingham, Anna Freud estava determinada a implementar a aplicação dessa teoria.

Primeiro, elas construíram uma pequena escola. A Escola Hietzing, cujo nome era igual ao do 13º distrito de Viena, em que estava localizada, oferecia uma reavaliação da educação, não como um símbolo ou uma disciplina, mas como um empreendimento de promoção de uma pedagogia baseada nas necessidades reais das crianças. “Em meu trabalho”, escreveu Anna Freud para Lou Andreas-Salomé, “há tantos avanços com as crianças que você me invejaria se pudesse ver o que elas me ensinam” (2006, p. 416). Hoje a instituição seria chamada de microescola. Para Anna, Hietzing propiciava um lugar para colocar em prática aquilo em que ela acreditava, o que vinha observando e conceitualizando a respeito do desenvolvimento infantil por quase uma década. A escola acolhia grupos de diversas idades e praticava a aprendizagem ativa. Ela era estruturada, mas sem séries; experimental e progressista, porém completamente acadêmica a seu próprio modo. O premiado psicanalista Erik Erikson, que deu aulas em Hietzing durante a maior parte da curta vida da escola (1927-1932), contou histórias do tempo que passou ali: quando os alunos eram avaliados por sua percepção social e emocional, bem como por sua competência acadêmica em matemática e leitura, ele observou que eram “incrivelmente capazes de esboçar todas as facetas de aprender e dominar habilidades que, de outra forma, seriam difíceis de aprender” (1980/1995, p. 4). Basti Baer (1989) lembrou que, como aluno, seus “valores de antirracismo, individualismo e a necessidade absoluta de liberdade, e ao mesmo tempo a

rejeição ao culto da personalidade, vinham da escola”. Marie Briehl (1984), professora americana em Viena para a formação em análise infantil com Anna Freud, foi atraída para a escola em parte porque, disse ela, “eu entendia que [os Freud] eram social-democratas e [Anna] conhecia minha origem socialista”.

Desenvolvendo-se principalmente em pequenos centros de aprendizagem como Hietzing e Kinderheim de Siegfried Bernfeld, a contribuição básica da psicanálise para a educação foi um protesto contra as antigas restrições vistas, por exemplo, na era da repressão vitoriana. Bernfeld e Anna Freud tinham aguda consciência das restrições sociais impostas à criança em desenvolvimento. Porém, enquanto Bernfeld enfatizava um mínimo de intervenção, Anna Freud ainda acreditava que a “educação para a independência”, de John Dewey, relativamente mais diretiva, fortaleceria a autorregulação infantil. Na prática, o modelo emergente da pedagogia psicanalítica tinha duas facetas: para os professores, oferecia uma nova estrutura psicanalítica pela qual eles poderiam entender o comportamento de seus alunos na sala de aula e reagir de acordo; para os alunos, seu crescimento seria facilitado por currículos adequados à idade. O modelo ajudaria os professores a aplicar insights pessoais e acadêmicos a um processo que não poderia, em si mesmo, ter um propósito abertamente terapêutico (isto é, a aquisição de conhecimento, habilidades e atitudes sociais). Um pedagogo psicanalítico respeitaria a capacidade das crianças para evitar traumas (se a intervenção dos pais e educadores fosse mantida no mínimo) enquanto ofereceria apoio e educação. Anna Freud compreendeu o desafio: “A tarefa de uma pedagogia baseada em dados analíticos é”, escreveu ela, “permitir a cada estágio da vida da criança a proporção certa de gratificação e restrição da pulsão” (1935/1963, pp. 104-105). Os anos escolares de uma criança poderiam inibir, ou até prevenir, o desenvolvimento de neurose mais tarde na vida? Sigmund Freud havia previsto a possibilidade de que “tudo o que podemos esperar em termos de profilaxia contra a neurose no indivíduo está nas mãos de uma educação psicanalítica esclarecida” (1913/1955a, p. 190).

A crença de Anna Freud nos direitos das crianças a uma educação apropriada para seu estágio de desenvolvimento emergiu, em grande medida, de seu próprio trabalho analítico com crianças. De modo mais geral, a nova pedagogia psicanalítica mesclaria radicalmente a compreensão psicanalítica com a educação como uma instituição social. O entendimento das necessidades das crianças (como distintas das necessidades adultas) se baseava, em seu cerne, na imutabilidade de duas crenças: psicologicamente as crianças têm a capacidade de autorregulação, enquanto socialmente elas têm o direito de serem ouvidas como indivíduos. Os desenvolvimentos intrapsíquico e social são dialeticamente interdependentes, é claro. Ou seja, embora todas as crianças cresçam em unidades sociais, da família para o playground e para a escola, cada criança tem uma psicologia pessoal. “O que foi maravilhoso para

mim nesse trabalho com crianças”, confidenciou Anna Freud a Lou Andreas-Salomé, “foi a capacidade de introduzir algo mais na psicanálise, algo que não é autorizado pela doutrina estrita nem pelo que esses homens [da Sociedade Psicanalítica de Viena] chamam ‘as regras’” (2006, p. 454). Essa afirmação poderia ser lida como a autobiografia dela. Em seus escritos dos anos 1930 até o final dos anos 1970, Anna Freud articulou, como um exemplo daquilo “que não é autorizado”, sua visão dos direitos psicológicos das crianças.

Em 1926, os escritos de Anna Freud tomaram uma nova direção quando o *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik* iniciou sua missão de “estabelecer as bases para a educação informada psicanaliticamente e prevenir a incidência e as consequências da neurose infantil” (Schneider, 1926). Como cofundadora (e posteriormente editora) desse periódico internacional, ela se uniu a colegas que buscavam

servir tanto à pedagogia teórica quanto à prática, na medida em que isso seja possível à psicanálise. Primeiro, vamos destacar o trabalho que emergiu da prática, com base em experiência e observação. Vamos nos concentrar nos resultados do método psicanalítico quando aplicado ao trabalho com crianças e adolescentes ou a adultos cuja infância se tornou o assunto da pesquisa analítica. (Meng & Schneider, 1927)

Com seu escopo internacional, os autores do *Zeitschrift* publicaram uma mistura de nova teoria, estudos de casos clínicos e avanços técnicos nos vínculos entre educação e análise infantil. Wilhelm Reich, um dos primeiros autores do *Zeitschrift*, destacou um aspecto crucial da pedagogia psicanalítica: “O ataque às neuroses por prevenção em vez de tratamento era algo novo” (Eissler, 1952/1967). O periódico floresceu contra o pano de fundo político de uma tentativa conservadora mais estridente do que nunca para desfazer as reformas dos sociais-democratas no sistema de educação pública de Viena. No entanto, e com todos os desafios e ideais, a pedagogia psicanalítica criou uma justaposição crucial aos sistemas tradicionais e influenciou profundamente a educação progressista como a conhecemos hoje.

Como um fórum para a discussão de pesquisas e experiências de uma nova prática de ensino fundamentada na social-democracia e na psicanálise, o *Zeitschrift* via a si mesmo como a voz dos educadores que se opunham às instituições tradicionais. Cada número do periódico, em edições a princípio mensais e depois trimestrais, revisou uma gama de publicações psicológicas, psicanalíticas e até mesmo literárias. Relatórios dos institutos de formação e dos congressos psicanalíticos foram incluídos ao lado de declarações mais gerais sobre política. As explorações teóricas cobriram, por exemplo, uma comparação entre Maria Montessori e Anna Freud quanto a suas ideologias educacionais. Os artigos apresentados muitas vezes eram ilustrados com

estudos de caso. Eles consideravam desde o papel das emoções no aprendizado até as inibições intelectuais e o fracasso acadêmico, o trabalho em grupo, a importância da transferência, os processos inconscientes do educador adulto e seu argumento corolário da formação psicanalítica dos professores. Dorothy Burlingham argumentou a favor desse tipo específico de formação. “Cada um de nós aprendeu por tentativa e erro até conseguirmos nos adaptar a esse novo modo de trabalhar”, escreveu ela.

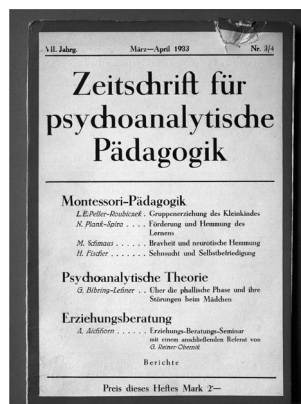
Os educadores que usam os ensinamentos psicanalíticos podem ser divididos pelo menos quanto a três diferentes métodos. Um tipo de professor sente-se atemorizado pela psicanálise. Ele evita os conflitos intrapsíquicos da criança porque ainda não sabe como ajudá-la a resolver esses conflitos. Outro tipo de professor olha diretamente para esses conflitos, mas acredita na interpretação como uma panaceia para todas as dificuldades. Os professores no terceiro grupo visam entender a personalidade da criança em todos os seus aspectos e se centram primariamente nos pais. Esses três tipos de educadores demonstram que a introdução do conhecimento psicanalítico criou dificuldades, porém ampliou em grande medida as oportunidades na sala de aula. (1972, pp. 72-74)

O papel do *Zeitschrift* na contribuição de Anna Freud para a psicanálise comunitária tem sido gravemente subestimado. Isso é compreensível, já que apenas algumas cópias físicas dele permanecem em circulação: quase todas foram confiscadas pelos nazistas, carimbadas como pornográficas e queimadas. Mas para os leitores de hoje que puderem encontrá-las, os artigos publicados em aproximadamente 10 anos oferecem um retrato vívido do campo, embora bastante subversivo, de meados dos anos 1920 até o fim dos anos 1930. Como a história demonstra, justamente quando esse campo progressista atraía cada vez mais professores e analistas de crianças, a repressão política assumiu uma dimensão aterradora e abrangente. Nos 10 anos que se seguiram a 1927, quando o regime nazista deu início à sua era de medo e sofrimento, Anna Freud fundou Hietzing e, por toda uma década, expandiu seu compromisso com uma prática fora do consultório particular, até que também se viu forçada a se exilar. Ela nunca desistiu desse compromisso.

Nossas creches na Inglaterra, ... nossos departamentos de observação, diagnóstico e adolescentes, até mesmo nossas análises simultâneas de mães e crianças, obviamente devem sua existência à experiência obtida e aos problemas evocados durante nosso trabalho anterior. Não seria exagero dizer que não haveria a Clínica Hampstead na Londres atual sem os trabalhos pioneiros na Viena do passado. (A. Freud, 1977, p. 12)

Essa Viena do passado foi amplamente registrada no *Zeitschrift*, que hoje nos oferece o relato mais completo disponível do trabalho dela em psicanálise comunitária.

A aliança entre os educadores progressistas de Viena, que havia tempo já visavam os serviços voltados para a comunidade, e os psicanalistas como Anna Freud, que valorizavam a pesquisa ao mesmo tempo que tinham um compromisso com as populações marginalizadas, era um dos aspectos distintivos da Creche Jackson. Inaugurada em 1º de fevereiro de 1937, a única condição para frequentá-la era que as crianças, todas entre 1 e aproximadamente 2 anos, fossem capazes de se movimentar de maneira independente de algum jeito, mesmo que só engatinhando. Anna Freud lembrava como os pais locais que estavam



Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik [Jornal de Pedagogia Psicanalítica],

editado por Anna Freud.

August Aichhorn Archives. Com permissão de Thomas Aichhorn.

além do subsídio ... traziam seus filhos para nós, não porque nós os alimentávamos e os vestíamos, mas porque “eles aprendiam tanto”, isto é, eles aprendiam a se movimentar livremente, a comer de modo independente, a falar, a expressar preferências. (Coles, 1991, p. 203)

August Aichhorn e Dorothy Burlingham gravaram dados observacionais com os quais construíram novas teorias do desenvolvimento e da análise infantil. Seus estudos analíticos sistemáticos de bebês e crianças pequenas detalharam cada avanço (ou regressão) das crianças no desenvolvimento e adaptação social, conforme a orientação da hipótese inicial de Anna Freud sobre a autorregulação infantil. Ela insistia que nem todas as dificuldades da criança, desde se alimentar sozinha até a regulação dos estados de espírito, deviam ser vistas e tratadas como sintomas de conflitos internos. Ao observar e documentar como as crianças pequenas de famílias de “mendigos e cantores de rua” determinam suas próprias necessidades de sono e alimento, Anna Freud começou a formular os conceitos de tempo infantil e resiliência. Com a construção desse protocolo de coleta de dados, a Creche Jackson é muitas vezes vista como o local onde Anna Freud formulou seu método de pesquisa de observação direta. Mas considerando o impacto da saúde mental gratuita e das clínicas de aconselhamento de Viena, e sua popularização na imprensa urbana como “psicanálise para os necessitados”, a Creche Jackson deveria agora ser recontextualizada como um de seus projetos na psicanálise comunitária.

Os Beratungsstelle (abreviação de Erziehungs und Jugendtlichen-beratungsstelle) dispensam essa recontextualização. Eram centros locais de aconselhamento educacional e juvenil baseados na psicanálise, seguindo em parte o modelo dos anteriores centros de extensão de August Aichhorn e em parte as diretrizes de Anna Freud para a análise infantil. No final da década de 1920, com o bem-estar infantil integrado como característica padrão do sistema educacional e dos serviços humanos de Viena, os psicanalistas enfrentaram uma onda de sofrimento até então não reconhecida. Enquanto isso, os professores e assistentes sociais da cidade sentiam-se cada vez mais atraídos pelas possibilidades de recuperação oferecidas pela percepção psicanalítica. A capacidade do Centro de Orientação Infantil da Sociedade Psicanalítica de Viena havia atingido seu limite. Os analistas de crianças do Centro, portanto, decidiram lançar um novo serviço de aconselhamento, que seria realizado na comunidade em geral, fora dos limites do consultório particular ou mesmo da clínica tradicional. Como primeiro passo, em 1928, Aichhorn transferiu para Flora Kraus o centro de aconselhamento educacional que havia criado dentro do Centro de Orientação Infantil do Ambulatorium e juntou-se à iniciativa de Anna Freud de expandir seu alcance com uma nova forma de prática pública de orientação psicanalítica. A nova clínica estava localizada em uma grande escola pública no número 9-10 da Wasagasse, no bairro de Alsergrund. Uma equipe de liderança – Anna Freud, August Aichhorn, Willi Hoffer e, posteriormente, Editha Sterba – oferecia tratamento a crianças (com ou sem a presença da família) e adolescentes locais, bem como a pais e avós. “Isso tinha a vantagem”, comentou Hoffer (1932), “de dissipar uma série de obstáculos ao tratamento de crianças negligenciadas, neuróticas ou difíceis de educar e daqueles que conviviam com elas”. A prática poderia aliviar a tensão familiar e grupal, atuar como um controle da disciplina e apoiar alunos iniciantes nas exigências da sala de aula. Analistas com formação médica poderiam auxiliar com avaliações ou encaminhamentos psiquiátricos, se necessário. Esses serviços gratuitos de aconselhamento e orientação, e encaminhamentos especializados quando solicitados, acabaram sendo disponibilizados ao público em centros comunitários e educacionais para trabalhadores, em conjuntos habitacionais públicos e, claro, em escolas municipais e jardins de infância.

Além do trabalho clínico, muitos dos analistas dos Beratungsstelle também eram autores do *Zeitschrift*, os quais, ao relatarem seus materiais de casos, muitas vezes levantavam questões técnicas ou formulavam novas teorias de tratamento analítico. Os ensaios iam desde questões sobre o desenvolvimento humano e a criação e educação na primeira infância até a prevenção do sofrimento psicológico e o tratamento de sintomas clínicos. Os relatos sobre avanços no conhecimento psicanalítico eram escritos para um amplo público de professores, analistas de crianças e organizadores educacionais

que buscavam informações práticas e modelos para a gestão de centros de educação infantil. Como os Beratungsstelle funcionavam como satélites da Sociedade Psicanalítica de Viena, os pacientes eram moradores da comunidade que buscavam orientação e tratamento para problemas que iam de pesadelos infantis a abuso parental. Suas lutas constituíam exemplos realistas de uma prática voltada para pessoas das classes média e baixa, exatamente as populações que as narrativas convencionais da psicanálise nos fariam ignorar.

August Aichhorn nos oferece uma descrição interessante do tratamento familiar multigeracional em um centro de aconselhamento local. O caso a seguir foi atendido em conjunto por um psicanalista do Beratungsstelle e um assistente social:

Uma mulher idosa e agitada nos disse que o marido dela, que sempre havia cuidado da família, tinha fugido com a neta de 18 anos e todas as economias dela. A mulher estava especialmente desesperada porque, dois meses antes, a neta havia dado à luz uma criança nascida fora do casamento, cujo pai ela se recusava terminantemente a revelar. Sendo uma família pequeno-burguesa com moral rígida, a existência dessa criança ilegítima foi sentida como um duro golpe pelos pais. “Se tivermos de acolher a criança em nossa casa, isso vai nos matar”, disse ela. Com o incentivo do assistente social, porém, os pais concordaram em receber a filha de volta depois do parto. Mas a avó, que agora estava sozinha com o bebê, ainda dizia que não sabia o que fazer, estava cheia de tristeza e pesar, e se sentia desesperada com a ação do marido.

Depois de fazer uma queixa à polícia, ela passou a ir ao centro quase todos os dias para reclamar e pedir conselhos sobre a criança. Duas semanas depois, chegou uma carta de um advogado relatando que seu cliente, o marido, voltaria à residência com duas condições: que ela deixasse de censurar a família e mudasse completamente seu comportamento briguento. Em sessões anteriores, a mulher havia se mostrado muito argumentativa, enquanto o marido parecia impotente. Ela ordenou que a filha e a neta saíssem de casa e fossem morar com outros parentes. E, mesmo assim, todos finalmente concordaram em voltar a morar juntos. O assistente social ficou ao mesmo tempo surpreso e insatisfeito, com a sensação de que a questão não havia sido resolvida. (1933, pp. 157-158)

Aichhorn publicou esse relatório no *Zeitschrift* como um exemplo de material instrucional que usava ao ensinar na Sociedade Psicanalítica de Viena. Ao mesmo tempo, a publicação desse material (supostamente extraído de um caso real) ilustrou a aliança entre a prática da psicanálise comunitária e o *Zeitschrift*. Hoje, podemos ver essa aliança como uma nova estrutura para compreender o progresso do campo na Viena dos anos 1920 e 1930. A estrutura fortaleceu a posição da própria psicanálise, mas também espelhou

a carreira de Anna Freud. Em particular, sua capacidade de manter múltiplos contatos dentro e fora do círculo psicanalítico deu importante visibilidade pública ao trabalho deles. Ela estava igualmente à vontade com Julius Tandler, o secretário municipal de Saúde e Bem-estar que desenvolveu um trabalho de assistência social em grande medida como o conhecemos hoje, e com Josef Friedjung, psicanalista, pediatra, escritor e fundador da Associação Vienense de Médicos Social-Democratas.

Membro do círculo interno de Sigmund Freud e colaborador do *Zeitschrift*, Friedjung deu atenção tanto à vida interior das crianças quanto ao bem-estar ambiental delas. Em seu trabalho político (ele era um representante no Conselho Municipal) e também em seus escritos médicos, os artigos de Friedjung exploravam muitas dimensões do atendimento de saúde infantil, mas também promoviam sua própria visão humanista, consistente com o socialismo heterodoxo da Viena Vermelha. Os pacientes dele eram, na maioria, filhos de trabalhadores, empregados ou não, e geralmente pobres, que moravam fora do perímetro burguês da cidade, conhecido como Ringstrasse. Observar o comportamento deles permitiu que Friedjung mesclasse a psicanálise freudiana (em especial, os efeitos do trauma no desenvolvimento infantil) com as demandas de acesso universal ao atendimento de saúde e de saúde mental, abolição das punições corporais (na escola e na família), aceitação da sexualidade na vida humana e resposta igualitária do governo às necessidades humanas. Em “Der Kampf der Schule gegen den Alkohol in Wien” [A luta da escola contra o álcool em Viena], de 1926, Friedjung enfatizou que o início do alcoolismo se situava na falta de instrução paterna – e não, é claro, na irresponsabilidade dos pais: “A mãe inocente dá à criança cada vez mais remédios como vinho tinto e conhaque, sentindo ‘gratidão’ por acalmar seu filho doente”. Friedjung continua o artigo em um nível psicanalítico mais profundo: explica que o “álcool entra na vida da criança de duas maneiras: como um resgate e como um prazer”, sugerindo que escolas e pais estavam atacando o culpado errado quando não compreendiam os benefícios inconscientes do álcool. No Instituto da Sociedade Psicanalítica de Viena, ele ministrava cursos sobre sexualidade infantil, junto com o seminário sobre análise infantil, de Anna Freud, e o simpósio Atendimento da Juventude Abandonada, de August Aichhorn (Wiener Psychoanalytische Vereinigung, 1937). No outono de 1923, o colega deles Wilhelm Reich ofereceu um curso chamado Psicanálise Clínica, que apresentou o conceito de pessoa completa, inferindo que “o caráter [é] a pessoa em si, ... a soma total funcional de toda a experiência passada” (Reich, 1927/1973, pp. 145-146).

Anna Freud aprendeu com Wilhelm Reich que toda pessoa pode ser analisada, em geral da perspectiva do ego, e que qualquer componente do ego é um alvo viável para a investigação psicanalítica. Ela se deixou levar pelos

“inícios empolgantes e promissores da chamada análise da defesa estrita” (A. Freud, 1954, p. 607) de Reich e incorporou elementos da teoria dele em seu famoso livro *O ego e os mecanismos de defesa*. No entanto, por trás da inovação clínica estava a insistência enfática dele no papel biológico da sexualidade no desenvolvimento da personalidade. A visão dele da psicanálise envolvia mais liberdade sexual e igualdade entre os sexos. Como diretor assistente do Ambulatorium, Reich já havia tornado o tratamento acessível a estudantes, artistas, artesões, trabalhadores, desempregados, fazendeiros, empregados e professores de escolas públicas. Assim, quando seus colegas da Sociedade Psicanalítica de Viena lançaram os Beratungsstelle, Reich iniciou suas próprias clínicas comunitárias com um foco específico. Em 27 de janeiro de 1929, o jornal progressista *Die Rote Fahne* anunciou que o grupo dele, a Sociedade Socialista de Aconselhamento e Investigação Sexual, havia aberto os Proletarische Sexualberatungsstelle [Centros de Aconselhamento Sexual Proletários] em Viena. O repórter escreveu:

A questão do sofrimento sexual é inseparável da questão da ordem social. No entanto, ao estabelecer centros de aconselhamento sexual e realizar palestras públicas seguidas por discussões, será possível mitigar a necessidade [de] alívio. Diversos centros de aconselhamento sexual temporários (centros separados para jovens de até 18 anos e adultos) serão abertos em vários distritos de Viena; neles será prestado aconselhamento sobre todas as questões de higiene sexual, puberdade, casamento e anticoncepção, além de orientação sobre questões legais relevantes.

A imprensa local também apoiou os Beratungsstelle da Sociedade Psicanalítica de Viena desde o momento em que Anna Freud e August Aichhorn abriram o primeiro de seus centros de aconselhamento educacional na Wasagasse. As consultas eram amplamente anunciadas em notícias que iam de três linhas a meia página. Pelo menos 75 notícias de reuniões foram impressas em 15 jornais locais durante 1934. As notícias (ou anúncios) eram padronizadas e funcionais. Por exemplo, o número de 16 de fevereiro de 1932 do *Kleine Volks-Zeitung*, um jornal liberal diário, publicou um anúncio típico:

Centro de Aconselhamento Educacional e Juvenil da Sociedade Psicanalítica de Viena. Direção de A. Aichhorn, Anna Freud, Doutora E. Sterba, Doutor W. Hoffer. Quinta-feira, das 18h às 20h, na Escola Federal de Ensino Médio, em Viena, 9º Distrito, n. 10, Wasagasse (aconselhamento gratuito).

Os avisos parecem ter sido cuidadosamente posicionados pelo tipógrafo do jornal: um aviso está colocado logo abaixo da notícia da morte de um jovem pai e de seu filho, talvez por suicídio, enquanto outro está ao lado de um

artigo sobre cuidados maternos. Embora cerca de 140 jornais diários e semanais circulassem nas décadas de 1920 e 1930, os que publicaram os anúncios dos Beratungsstelle eram ideologicamente de esquerda. Essas mesmas publicações de esquerda editaram resenhas de novos livros e palestras psicanalíticas, anunciaram eventos relacionados, como o Prêmio Goethe de Sigmund Freud, e divulgaram as palestras de Anna Freud em toda a cidade. As palestras públicas que ela proferia, quando combinadas com a imprensa positiva e os Beratungsstelle, lhe permitiram ampliar o alcance da psicanálise (inclusive a análise infantil) e torná-la tão amplamente acessível quanto a educação e os cuidados de saúde. Com o apoio dos jornais, os analistas puderam visar precisamente os grupos populacionais aos quais o acesso ao tratamento psicanalítico seria negado se não fosse oferecido no contexto do que Sigmund Freud chamava de “direito social”.

Ao mesmo tempo, o *Zeitschrift* dava aos professores interessados em pedagogia e aos analistas de crianças a possibilidade de ler sobre casos de modo mais profundo, como ilustrações clínicas da teoria ou da técnica. Minna, de 8,5 anos, foi encaminhada para um Beratungsstelle porque “ninguém podia aguentar a personalidade estranha dela”: ela mentia, roubava e se masturbava abertamente na sala de aula. Em um artigo intitulado “Ein abnormes Kind” [Uma criança anormal], um garoto descreve sua experiência psicótica:

É como se um pano fosse jogado em cima da minha cabeça; como se ladrões me dominassem. Eu não conseguia sair de lá. Isso pode enlouquecer você. Agora, eu não estou doente, mas tem um sentimento dentro de mim que acho que nenhuma outra pessoa entende. (Sterba, 1933)

Mas o que talvez não tenha sido transmitido nos artigos técnicos do *Zeitschrift* era que, além do aconselhamento pessoal, os conselheiros dos Beratungsstelle ofereciam aos pais e cuidadores informações sobre psicologia, adicção, desequilíbrio emocional, relacionamentos familiares e criação de filhos. Editha Sterba observaria mais tarde: “Em um trabalho de orientação infantil ativa, o aconselhamento e a ajuda não podem se limitar às crianças. O ambiente da criança e os membros de sua família precisam ser incluídos” (1941, p. 445). Assim, quando os assistentes sociais e os funcionários do bem-estar dos distritos visitavam as casas das famílias carentes ou em risco, os pais, que podiam ter consultado um analista dos Beratungsstelle, pareciam abertos ao tratamento infantil. Enquanto a velha Áustria monarquista afirmava a supremacia da autoridade dos pais, o bem-estar social na Viena progressista apoiava o direito do Estado de proteger as crianças do abuso. Os psicanalistas participaram dessa nova maneira de pensar com uma mistura de divulgação e serviço baseado em clínicas comunitárias em Viena até 1935.

O lugar da “psicanálise comunitária” emergiu como uma contribuição significativa do campo para o governo social-democrata da Viena Vermelha. O movimento foi moldado pela crença de que as pessoas pobres tinham no mínimo o mesmo direito a tratamento de saúde mental que os mais abastados entre os seres humanos, e que o cuidado devia ser oferecido nas áreas em que as pessoas moravam, independentemente do status econômico. Sigmund Freud tinha dito isso em 1918, e Anna Freud estava na plateia de psicanalistas reunidos no 5º Congresso Internacional de Psicanálise, em Budapeste. De maneira mais específica, Freud afirmou que os pobres têm “exatamente o mesmo direito à assistência para a mente quanto têm agora à ajuda que salva vidas oferecida pela cirurgia. ... Esse tratamento será gratuito” (1919[1918]/1955b, p. 167). O objetivo de fornecer tratamento em clínicas gratuitas, localizadas nas comunidades em que os pacientes moravam, mudaria a prestação de cuidados de saúde mental do paternalismo da caridade individual para um paradigma mais amplo de bem-estar social, o bem-estar da sociedade como um todo.

A aliança de Anna Freud com os reformadores da saúde, educadores e psicanalistas do período entreguerras fomentou um sistema que ampliaria a voz humana autônoma da infância para a sociedade. Com uma metodologia fundamentada em direitos sociais e infundida com a energia da social-democracia, Anna Freud estabeleceu as bases para os avanços atuais na psicanálise comunitária. Em sua mal disfarçada crítica aos profissionais ligados ao desenvolvimento da personalidade, de Alfred Adler, para os quais a “análise infantil poderia [ser] uma forma especial de orientação educacional”, ela descreveu como a ansiedade adulta poderia privar a criança da capacidade de prosperar (1945/1966a, p. 5). De fato, a ideia de que a própria sociedade reprime a autorregulação infantil nos ajuda a entender que uma criança, como um adulto, é “uma pessoa por direito próprio” (Goldstein, 1982, p. 222). Sua defesa dessa posição por toda a vida estava baseada em três áreas fundamentais de investigação: análise infantil, pedagogia psicanalítica e clínicas comunitárias. Em conjunto, a originalidade das explorações de Anna Freud em seus anos em Viena dramatiza poderosamente o efeito da cultura e da política na vida de uma pessoa. Ou talvez seja o contrário: o poder de uma pessoa singular para afetar a cultura de uma era inteira – “libertar as crianças de seus medos”.

Liberar a los niños de sus miedos: Anna Freud y el psicoanálisis comunitario

Resumen: La autora analiza el trabajo comunitario desarrollado por Anna Freud en Viena en las décadas de 1920 y 1930. Destaca su colaboración con figuras como August Aichhorn, Siegfried Bernfeld, Willi Hoffer y su compañera sentimental, la neoyorquina Dorothy Tiffany Burlingham. Explora especialmente las ideas promovidas en la revista *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik* y los servicios prestados en la Guardería Jackson y en los Beratungsstelle, centros de asesoramiento educativo y juvenil.

Palabras clave: Anna Freud, Viena Roja, psicoanálisis comunitario, análisis infantil

To free children of their fears: Anna Freud and community psychoanalysis

Abstract: The author considers the community work developed by Anna Freud in Vienna in the 1920s and 1930s. She highlights her partnership with figures such as August Aichhorn, Siegfried Bernfeld, Willi Hoffer, and her life partner, the New Yorker Dorothy Tiffany Burlingham. She explores in particular the ideas promoted in the journal *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, and the services provided at the Jackson Nursery and the Beratungsstelle, educational and youth counseling centers.

Keywords: Anna Freud, Red Vienna, community psychoanalysis, child analysis

Libérer les enfants de leurs peurs : Anna Freud et la psychanalyse communautaire

Résumé : L'autrice examine le travail communautaire développé par Anna Freud à Vienne dans les années 1920 et 1930. Elle souligne sa collaboration avec des personnalités telles qu'August Aichhorn, Siegfried Bernfeld, Willi Hoffer et sa compagne, la New-Yorkaise Dorothy Tiffany Burlingham. Elle explore en particulier les idées développées dans la revue *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik* et les services fournis à la Crèche Jackson et aux Beratungsstelle, centres de conseil éducatif et pour la jeunesse.

Mots-clés : Anna Freud, Vienne Rouge, psychanalyse communautaire, analyse infantile

Referências

- Aichhorn, A. (1933). Erziehungs-Beratung-Seminar. *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, 7(4-5), 153-164.
- Baer, S. (1989). [Carta a Peter Heller datada de 9 de julho de 1989]. Pasta "Questionnaire undated", caixa 2, papéis de Peter Heller, Divisão de Manuscritos, Biblioteca do Congresso Americano, Washington, DC.
- Briehl, M. (1984). [Entrevista a Lucille Ritvo (1984-1985). Transcrição eletrônica e gravação de áudio em fita]. Faixa 11. Coleção História Oral da Sociedade Psicanalítica de Boston, Boston, MA.
- Burlingham, D. T. (1972). *Psychoanalytic studies of the sighted and the blind*. International Universities Press.
- Coles, R. (1991). *Anna Freud: the dream of psychoanalysis*. Addison Wesley.
- Eissler, K. R. (1967). The interview [com Wilhelm Reich]. In M. Higgins & C. M. Raphael (Eds.), *Reich speaks of Freud: Wilhelm Reich discusses his work and his relationship with Sigmund Freud*. Farrar, Strauss and Giroux. (Trabalho original publicado em 1952)
- Ekstein, R. (1992). Foreword. In S. Gardner & G. Stevens, *Red Vienna and the golden age of psychology, 1918-1938*. Praeger.
- Erikson, E. H. & Erikson, J. (1995). Dorothy Burlingham's school in Vienna. In E. H. Erikson, *A way of looking at things* (pp. 3-14). Norton. (Trabalho original publicado em 1980)
- Freud, A. (1951). August Aichhorn: July 27, 1878-October 17, 1949. *The International Journal of Psychoanalysis*, 32, 53.
- Freud, A. (1954). The widening scope of indications for psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 2(4), 607-620.
- Freud, A. (1963). *Psychoanalysis for teachers and parents* (B. Low, Trad.). Beacon Press. (Trabalho original publicado em 1935)
- Freud, A. (1966a). Indications for child analysis. In A. Freud, *The writings of Anna Freud* (Vol. 4). International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1945)
- Freud, A. (1966b). A short history of child analysis. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 21, 7-14.
- Freud, A. (1974). Four lectures on psychoanalysis for teachers and parents. In A. Freud, *The writings of Anna Freud* (Vol. 1). International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, A. (1977). Preface to the Vienna Symposium on work in the Hampstead Clinic. *Sigmund Freud House Bulletin*, 1(2), 12-13.
- Freud, A. (1982). The past revisited. *Annual of Psychoanalysis*, 10, 259-265.
- Freud, A. (2006). *À l'ombre du père: correspondance, 1919-1937*. Hachette.
- Freud, S. (1955a). The claims of psychoanalysis to scientific interest. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 13, pp. 163-190). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1955b). Lines of advance in psychoanalytic psychotherapy. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 17, pp. 157-168). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1919[1918])

- Freud, S. (1961). Preface to Aichhorn's *Wayward youth*. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, Trad., Vol. 19, pp. 273-278). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1925)
- Friedjung, J. K. (1926). Der Kampf der Schule gegen den Alkohol in Wien. *Internationalen Zeitschrift Gegen den Alkoholismus*, 1, 23-27.
- Goldstein, J. (1982). Anna Freud. *The Yale Law Journal*, 92(2), 219-227.
- Hitschmann, E. (1932). A ten years' report of the Vienna Psychoanalytic Clinic [Carta a Peter Heller datada de 9 de julho de 1989]. Pasta "Questionnaire undated", caixa 2, papéis de Peter Heller, Divisão de Manuscritos, Biblioteca do Congresso Americano, Washington, DC.
- Hoffer, W. (1932). Der Ärztliche Berater. *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, 10, 496-504.
- Kleine Volks-Zeitung*. (1932, 16 de fevereiro).
- Meng, H. & Schneider, E. (1927). *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 13(2), 249-250.
- The Modern Language Journal*. (1930, maio). 14(8), 668-673.
- Reich, W. (1973). *The function of the orgasm*. Simon and Schuster. (Trabalho original publicado em 1927)
- Die Rote Fahne*. (1929, 27 de janeiro).
- Schneider, E. (1926). Geltungsbereich der Psychoanalyse für die Pädagogik. *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, 1, 2-6.
- Sterba, E. (1933). Ein abnormes Kind. *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, 7(2), 45-82.
- Sterba, E. (1941). The school and child guidance. *The Psychoanalytic Quarterly*, 10, 445-467.
- Wiener Psychoanalytische Vereinigung. (1937). *Lehrkurse und Veranstaltungen Wintersemester, 1937-1938, Programm*. Lehrausschuss der Wiener Psychoanalytischen Vereinigung.

Tradução do inglês: Sonia Augusto

Recebido em 26/5/2025, aceito em 10/6/2025

Elizabeth Danto

edanto@hunter.cuny.edu

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n3.20